

Ilhas do Atlântico Norte na Antiguidade e Medievo

Isles of the North Atlantic in Antiquity and Middle Ages

Elaine Cristine dos Santos Pereira Farrell¹
Isabela de Albuquerque Rosado do
Nascimento²



Desde suas denominações na Antiguidade por Cláudio Ptolomeu (I AEC) até a primeira utilização em inglês pelo astrônomo e matemático anglo-galês John Dee (1527-1608), o termo “Ilhas Britânicas” passou a ser revisto nos últimos anos, em função das disputas que envolvem terminologia em si, bem como a colonialidade à qual o vocábulo evoca. Numa proposta mais neutra, Ilhas do Atlântico Norte passou a ser empregue como uma possibilidade para denominar a região e indicar os links históricos entre estas³.

O estudo sobre as ilhas do arquipélago do Atlântico Norte cresceu consideravelmente no que concerne ao número de trabalhos bem como à qualidade dos mesmos, tanto os que se dedicam à uma sociedade una de modo exclusivo, quanto os que estudam mais de uma sociedade insular numa perspectiva mais comparativa, como os recentes trabalhos de Lindy Brady por exemplo. Ainda que a interconectividade e mobilidade entre estas sociedades tenha sido reconhecida pelos historiadores, linguistas, e arqueólogos há muitas décadas, os trabalhos que exploram os estudos destas sociedades de modo interligado e comparativo ainda são limitados, e este é um campo que sem dúvida ainda se expandirá. Há de se considerar ainda os estudos que abordam a conectividade das Ilhas à Europa Continental, dentro do contexto de uma história e historiografia global.

Podemos observar hoje estudos de alta qualidade sendo desenvolvidos sobre as ilhas fora do continente Europeu, na Ásia, na Oceania, e sobretudo no continente Americano, mas não somente na América do Norte, mas também na América Latina. Esperamos ainda o momento que isto não mais causará estranhamento, mas estamos construindo esta realidade. Cada vez mais assistimos ao desprendimento do estudo histórico e linguístico do conceito de herança ancestral e cultural, a valoração da ciência pela ciência e o anseio pelo conhecimento histórico das sociedades humanas como um todo. Dentro do contexto acadêmico brasileiro especificamente, nas últimas duas décadas, pesquisadores(as) de distintas áreas das humanidades, tais como história, literatura, arqueologia e ciência das religiões, lançaram-se à investigação dos contextos insulares. Hoje já há pesquisadores(as) trabalhando com este recorte geográfico em diversas instituições de ensino superior e estados brasileiros. Os campos relacionados de estudos célticos e germânicos foram os primeiros a construir espaços e a se consolidarem no cenário brasileiro, através da fundação do grupo de estudos, revista e congresso internacional bienal da Brathair. Em 2018 Adriene Tacla⁴ editou dois dossiês que destacam o crescimento do campo de estudos célticos no Brasil e as possibilidades futuras



destes, um na *Revista Tempo*⁵ com a Elva Johnston⁶ e outro na *Revista Brathair*⁷ com Elaine Pereira Farrell.

No ano 2020, dentro do contexto da pandemia do COVID-19, um feliz acréscimo ocorreu a academia brasileira, a fundação de um novo grupo de pesquisa, o *Insulae* - Grupo de Estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte, na Antiguidade e Medieval. O grupo surge com a ousada proposta de conectar todos os pesquisadores(as) brasileiros(as) que trabalham com aspectos das ilhas na antiguidade e medieval, e consolidar a contribuição da academia brasileira neste campo no cenário internacional⁸. O grupo atualmente conta com aproximadamente 50 membros, incluindo doutores e alunos em formação, distribuídos em diversas instituições de ensino brasileiras, e também atuando fora da academia em setores correlatos. O grupo possui forte inserção internacional dado que muitos dos seus membros atuaram e atuam em instituições estrangeiras, quer seja por financiamento internacional, de agências brasileiras ou pessoal. Dentre as redes de apoio internacional, o grupo fertiliza as relações com colegas latino-americanos que trabalham com temáticas relacionadas às ilhas, sobretudo na Argentina e no Chile. Além disso, o grupo tem de igual modo construído uma relação de apoio com o Consulado Geral da Irlanda em São Paulo e estas redes de apoio se exemplificam através das entrevistas e rodas de conversas gravadas ao vivo e publicadas no Canal do Youtube do grupo⁹. O *Insulae* é registrado junto ao CNPq, vinculado à Universidade Federal do Pernambuco - UFPE¹⁰.

Trabalhar com as ilhas no Brasil é desafiador. Primeiramente, porque a maior parte da literatura produzida a respeito encontra-se em línguas europeias distintas da portuguesa, sobretudo a inglesa, mas também em outros idiomas como o alemão. Para além da necessidade do conhecimento de línguas modernas, a fim de enriquecer a qualidade das investigações, o ideal é o conhecimento de línguas antigas, tais como o latim, o gaélico ou irlandês antigo, o inglês antigo, e por aí vamos, assim como o conhecimento da arqueologia valoriza também a abrangência e profundidade das análises. Por isto podemos dizer que somos ainda uma geração pioneira no Brasil desbravando este campo. Portanto, ao aprimorar nosso treinamento enquanto pesquisadores de humanidades, desenvolvemos o campo no Brasil e abrimos frentes para os futuros alunos. O *Insulae*, por exemplo, no ano de 2021 promoveu um curso introdutório online de irlandês antigo, ministrado por Daan van Loon¹¹ inteiramente gratuito. Se todos perdemos muito com a pandemia, vidas foram perdidas, o sistema de saúde e a economia sacrificados, o bem estar físico e mental de muitos debilitado,



ela contribuiu para proliferar, ampliar, e popularizar os cursos online, e neste processo cursos de latim, de grego, e milhares de outros conhecimentos foram ofertados de modo remoto. Estas frentes não sanam as limitações, mas expandem as possibilidades. Aos poucos, caminhamos para um quadro de cada vez mais excelência e internacionalização da pesquisa brasileira, que já possui um valor imenso e de capital humano preciosíssimo.

Portanto, almejando exemplificar a qualidade e a diversidade das múltiplas frentes de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros ou pesquisadores estrangeiros que mantêm ou desejam manter um diálogo com a academia brasileira, lançamos esta proposta de dossiê temático. Este presente dossiê é multidisciplinar, trazendo artigos inéditos em língua portuguesa, que apresentam abordagens teórico-metodológicas distintas e inovadoras. Desejamos que este seja o primeiro de futuros dossiês temáticos recortados nas ilhas na antiguidade e medievo, reunindo não apenas pesquisadores vinculados ao *Insulae*, mas outros interessados nestas sociedades, que estejam trabalhando dentro ou fora do Brasil.

Seguindo uma ordem cronológica, na primeira contribuição Pedro Peixoto¹² analisa a deposição de cerâmicas em contextos funerários da Idade do Ferro bretã na região de Yorkshire (séculos IV-II a.C.). Seu trabalho é um excelente exemplo de trabalho na interseção entre história, história da arte, arqueologia, e humanidades digitais, e dentro do Brasil, pioneiro em relação ao recorte espaço-temporal. O objetivo do autor é analisar como se davam os atos de deposição de cerâmicas nas tumbas bretãs, levando em consideração sexo e idade das pessoas sepultadas e a vinculação a estas dos artefatos funerários enterrados com elas. Após refutar argumentos ultrapassados, Peixoto faz importantes considerações, com base em estudos comparativos com práticas funerárias de outras regiões e povos, que na região de Yorkshire estudada, não era comum a deposição de cerâmicas junto ao sepultamento de crianças, e que a maior incidência de cerâmicas ocorre junto à corpos de mulheres, e que estas tendiam a serem enterradas próximas umas das outras. O autor reforça que a prática de depositar cerâmicas contendo cortes animais eram práticas de comensalidade funerária. Todavia, ele destaca os limites da nossa compreensão dos simbolismos das práticas e a necessidade de mais estudos investigativos a respeito.

Na segunda contribuição ao volume, Dominique Santos¹³ nos apresenta uma análise do “sistema educacional” dos druidas, considerando as relações entre oralidade e letramento. O principal objetivo do autor é apresentar um



trabalho de rigor acadêmico em língua portuguesa, dialogando com os poucos trabalhos nacionais de qualidade produzidos no assunto, analisando quem teriam sido os druidas, e seu papel social e intelectual, desmistificando o conhecimento comum e que circula na rede digital sobre os mesmos. Para tal propósito, Santos analisa relatos clássicos sobre os druidas, usando como ponto de partida os relatos de Júlio César, cotejando-os a fontes mais tardias, ainda que considerando a ressignificação dos processos educacionais que se tenham forjado ao longo dos séculos dentre sociedades consideradas celtas na região da Britannia, da Gália e Hibernia. O autor argumenta que com base nas fontes que possuímos a respeito, ainda que lacunares, os druidas eram detentores de importantes papéis e conhecimentos da sociedade e que, para além de práticas do aspecto religioso, eles cumpriam também importantes funções como conselheiros, apaziguadores, professores, guardiões da tradição. Coletando informações nestas fontes, Santos conclui que podemos considerar dentre os conhecimentos produzidos e mantidos pelos druidas, conhecimentos sobre a natureza, medicinal, astronômico, filosofia natural e moral, dentre outros. Além da habilidade e interesse de manter o entrelace entre oralidade e letramento. Indicando que este era um conhecimento que se construía através de um sistema de discipulado, e que levaria anos para completar. Um fator que o autor deixa transparecer, mas não explora, é que este conhecimento era possivelmente detido pelas elites, que eram filhos de aristocratas que recebiam esta educação dita druídica ou intelectual. Uma vez que a ideia do Santos é apresentar os druidas de acordo com um rigor acadêmico, este é mais um fator relevante a destacar, dado que os movimentos neopagãos nos dias de hoje são, em geral, movimentos alternativos, destoando da realidade dos druidas da antiguidade e medievo, que constituíam uma elite em muitos sentidos da palavra, tanto econômico, quanto intelectual - fato que também se refletiu na constituição das elites religiosas cristãs que se formaram nas ilhas posteriormente, como destaca Belmaia no quarto artigo deste dossiê e comentado abaixo.

Na sequência, Renato Pinto¹⁴ nos leva a refletir sobre a possível *expeditio britannica* em 122 EC e visita de Adriano a Londinium. Pinto apresenta também uma metodologia que coteja dados escritos com evidências de escavações recentes, além de utilizar de numismática e epigrafia. Demonstrando uma habilidade de trabalhar com metodologias distintas, Pinto nos apresenta um panorama atualizado dos estudos recentes sobre Londinium e as possíveis dissensões que ocorreram durante o império de Adriano indicando as lacunas das fontes e das evidências materiais, apontando, contudo, para os futuros



caminhos dos estudos sobre o assunto.

O quarto artigo de Nathany Belmaia¹⁵ analisa a missão de Agostinho à Britannia no século VII enviada pelo papa Gregório. Este é um exemplo das relações entre a ilha e o continente, entre a sociedade da Britannia e os reinos merovíngios da Gália. Já dentro de um contexto cristianizado, este trabalho ao analisar fontes tais como cartas, que foram escritas e enviadas por missionários e o papa, nos faz refletir indiretamente sobre as redes de comércio e comunicação que já haviam na Europa ocidental do século VII, e a integração das ilhas à este contexto maior de sociedades cristãs e interligadas que se construía. Distintamente do trabalho de Pinto, pensamos agora uma Britannia sem o império romano, porém, formando uma nova malha de interligações políticas, comerciais, e religiosas, que se estendia da Irlanda à Gália, tendo a Britannia como o link dos contatos.

O que notamos com estes artigos, que são apenas uma modesta amostragem das frentes de trabalho sobre as ilhas no Brasil, é que as possibilidades são múltiplas, os recortes são e podem ser os mais diversos, tanto cronologicamente, quanto teórico-metodológicas. A história das ocupações das ilhas do arquipélago norte é muito rica, o movimento de pessoas foi sempre frequente, e as sociedades que estes grupos humanos forjaram nunca estiveram isoladas. As interações interculturais eram constantes, quer através do conflito e guerra, como parece ter sido o contexto de Londinium investigado por Pinto, ou por alianças político-religiosas como as firmadas pelos missionários e reis estudados por Belmaia na *Britannia* do século sétimo. A história das sociedades humanas é um patrimônio da humanidade - ela é global, pois não pertence a um grupo especificamente. Ainda que a história nacional e nacionalista possua em si um certo valor, como, por exemplo, ajudar a estimular o turismo e a preservação da cultura material, o olhar supostamente estrangeiro também pode contribuir para esse campo de estudos, ao gerar novas perguntas e novas propostas e possíveis respostas e interpretações. Deixamos aqui uma contribuição, e uma provocação para que outros jovens pesquisadores, assim como nós, estudem as ilhas, os povos, e as línguas do arquipélago norte aqui do Brasil, da América Latina.

Referências

BRADY, Lindy. *The Origin Legends of Early Medieval Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.



GLEESON, Patrick. Archaeology and Myth in Early Medieval Europe: Making the Gods of Early Ireland. *Medieval Archaeology*, [Colchester], v. 64.1, p. 65–93, 2020.

KRASNODEBSKA-D'AUGHTON, Malgorzata; BHEATHNACH, Edel; SMITH, Keith (eds.). *Monastic Europe: Medieval Communities, Landscapes and Settlements*. Turnhout: Brepols, 2019.

SANTOS, Dominique. A Pedra de São Dogmael – A ‘Rosetta Stone’ dos Estudos Ogânicos. *Brathair*, [São Luís], v. 18.1, p. 11–22.

TACLA, Adriene B.; JOHNSTON, Elva. Novas perspectivas em estudos célticos: para onde vamos a partir de agora? *Tempo*, [Niterói], v. 24.3, p. 613–620, 2018.

TACLA, Adriene B.; FARRELL, Elaine P. Estudos Célticos no Brasil. *Brathair*, [São Luís], v. 18.1, p. 1–10.

Notas

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ, e visiting fellow at Trinity College Dublin.

²Universidade de Pernambuco - UPE.

³Algumas redes de pesquisadores que adotaram em sua nomenclatura “ilhas” sem o qualitativo político “britânicas” são IONA: *Islands of the North Atlantic* <https://www.ionaassociation.org/> (30/11/2022); *Converting the Isles*, financiado pelo Leverhulme Trust: <https://www.asnc.cam.ac.uk/conversion/> (30/11/2022); *Crossing Borders in the Insular Middle Ages*: <https://digitalcultures.ncl.ac.uk/projects/crossingborders/#/> (30/11/2022).

⁴Universidade Federal Fluminense - UFF

⁵<https://www.scielo.br/j/tem/a/MkVkTnSvVDPkIxBMZDnZwxM/?lang=pt> (30/11/2022)

⁶University College Dublin - UCD

⁷<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/view/192> (30/11/2022)

⁸<https://grupoestudosinsulae.wordpress.com/> (30/11/2022)

⁹<https://www.youtube.com/@grupoinsulae121/streams> (30/11/2022)

¹⁰<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/767948> (30/11/2022)

¹¹Royal Netherlands Institute for Sea Research - NIOZ <https://www.nioz.nl/en/about/organisation/staff/daan-van-loon> (30/11/2022)

¹²Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

¹³Universidade Regional de Blumenau - FURB



¹⁴Universidade Federal do Pernambuco - UFPE

¹⁵Doutora pela Universidade Federal do Paraná - UFPR